

Insurgentes isolam Palma e população queixa-se de grave crise alimentar

- As FDS pararam de escoltar camiões que levavam produtos alimentantes para Palma, via Nangade
- O abastecimento ao el dorado do gás é feito via marítima, mas não tem sido regular
- Escassez de produtos provoca uma alta de preços: 25kg de arroz chegam a custar 3.200 e 1 litro de gasolina é vendido a 500 Meticais



Pessoas disputando pão na única padaria que ainda abastece a vila de Palma

Localizada no extremo norte de Cabo Delgado, Palma encontra-se isolado do resto da província devido à violência armada na região. As principais vias terrestres que ligam Palma e outros distritos estão encerradas, nomeadamente a Estrada Nacional N.º 380 (Pemba – Macomia – Mocímboa da Praia – Palma) e a estrada

que parte do Distrito de Mueda, atravessa o Distrito de Nangade, e entra no Distrito de Palma, através do Posto Administrativo de Pundanhar.

Até Julho de 2020, Palma era abastecido através da vila municipal da Mocímboa da Praia, que acabou caindo nas mãos dos insurgentes em Agosto do ano passado. De-

pois da ocupação da mais movimentada vila do norte de Cabo Delgado, a insegurança na região inviabilizou a circulação de pessoas e bens pela EN 380, que liga Mocímboa da Praia e Palma. A única via alternativa, uma estrada terraplanada que parte de Mueda até Palma, também tornou-se intransitável devido aos sucessivos ataques

armados que se registam em alguns troços de Nangade e de Pundanhari, desde finais de 2020.

Isolado do resto do País por via terrestre, Palma começou a enfrentar uma grave crise de bens, sobretudo produtos alimentares, situação que precipitou a subida generalizada de preços. O Governo, em parceria com o sector privado de Cabo Delgado, activou o abastecimento por via marítima, mas nunca foi regular. Com o espectro de fome a rondar a vila, as Forças de Defesa e Segurança (FDS) introduziram, no início de Fevereiro, escoltas militares no troço Nangade – Palma para permitir o abastecimento. A entrada de camiões com produtos alimentares aumentou a disponibilidade e, por conseguinte, uma ligeira descida dos preços nas primeiras duas semanas do mês¹.

Mas nos últimos dias houve uma redução de escoltas militares que garantiam o abastecimento do Distrito de Palma. Na semana passada, por exemplo, havia na vila sede de Nangade mais de 50 viaturas que deveriam seguir até à vila de Palma com diversos produtos alimentares, mas os motoristas foram aconselhados a regressar à vila de Mueda devido à insegurança na via que vai até Palma. Aliás, fonte das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) disse à TVM, a televisão pública, que as FDS neutralizaram duas tentativas de ataque à vila de Palma nas últimas duas semanas.

Com a redução de escoltas, a escassez de produtos alimentares voltou a agravar-se e, com ela, os preços dispararam. Um saco de arroz de 25 quilogramas chega a custar entre 2.000 e 3.200 Meticais; a mesma quantidade de farinha de milho é vendida a preços que variam entre 2.000 e 3.000 Meticais. Um quilograma de açúcar custa entre 150 e 350 Meticais.

Alguns comerciantes aproveitam-se da situação para açambarcar os produtos para posteriormente especular os preços. Esta semana, a vila de Palma recebeu um abastecimento via marítima, mas a procura é tão grande que em pouco tempo houve escassez de produtos alimentares. Um quilo de açúcar já chegou a custar 500 Meticais, antes do início do abastecimento por via marítima. A gasolina é vendida a 500 Metiais por litro. “Mesmo assim, é difícil comprar porque há muita procura. Aqui nós sofremos com dinheiro nas mãos”, disse um residente local. “Quando amanhece, toda gente sai à procura de comida. As ruas da vila ficam cheias de pessoas. São enormes filas nas poucas lojas que têm tido produtos. Eles recebem alimentos através de barcos. A situação está muito mal. Há pessoas que desmaiam por causa de fome. Cinco litros de óleo é vendido a 2.000 Meticais”.



Sede do Governo do Distrito de Palma

Insurgentes intensificam ataques em Nangade e Palma

Nos últimos meses, as FDS realizaram várias incursões contra posições e bases dos insurgentes. Além de abater alguns extremistas e recuperar parte de território que antes era ocupado pelo inimigo, incluindo armamento, as FDS afastaram a ameaça de ataques contra sedes distritais, uma das apostas dos insurgentes em 2020. Apesar do aparente silêncio, a verdade é que os ataques terroristas ainda não cessaram em Cabo Delgado. No lugar de fazer incursões de grande envergadura, os insurgentes investem em pequenos ataques nas aldeias e contra posições remotas das FDS com o objetivo de saquear produtos alimentares.

Por exemplo, na manhã do dia 22 de Fevereiro, os insurgentes decapitaram três pessoas na aldeia Ngalonga, Distrito de Nangade. As vítimas foram surpreendidas quando saíam das suas machambas na aldeia Mitope, em Mocímboa da Praia. No último fim-de-semana, os insurgentes tinham realizado uma incursão armada na sede do Posto Administrativo de Quionga, Distrito de Palma, com relatos de pelo menos quatro mortos e vários danos materiais. Na semana passada, as FDS abortaram uma tentativa de ataque na aldeia Nanil, a cerca de 30 quilómetros de Mueda.

Na aldeia de Xitaxi, Distrito de Muidumbe, uma posição das FDS foi alvo de um ataque terrorista, na última sema-

na. Xitaxi é a aldeia onde no dia 7 de Abril de 2020, mais de 50 jovens foram decapitados após recusarem integrar as fileiras dos grupos extremistas. Na altura, o Governo prometeu apresentar um relatório detalhado sobre as circunstâncias em que o massacre ocorreu, mas até hoje ainda não se pronunciou sobre o assunto.

Os ataques em Cabo Delgado iniciaram em Outubro de 2017 na vila municipal de Mocímboa da Praia e mais tarde alastraram-se para outros distritos. Em 2020, os insurgentes assaltaram quatro sedes distritais e dezenas de aldeias, causando a pior crise humanitária dos últimos anos em Cabo Delgado. Na sequência dos ataques, a vila sede do Distrito de Quisanga está deserta e abandonada desde Abril, enquanto que Mocímboa da Praia continua ocupada pelos insurgentes desde Agosto, quando se deu o terceiro assalto à vila. Além de destruição de infra-estruturas públicas e privadas, o extremismo violento já causou a morte de cerca de 2.000 pessoas e a deslocação de perto de 600.000.

No início do ano, a intensificação dos ataques nas proximidades de Afungi, zona das operações petrolíferas, forçou a francesa Total a paralisar os trabalhos de construção das infra-estruturas de liquefacção de gás natural do projecto Mozambique LGN.

¹ <https://www.dw.com/pt-002/palma-pre%C3%A7os-voltam-a-baixar-mas-ainda-h%C3%A1-falta-de-alimentos/a-56481977>



INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Democracia e Desenvolvimento
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: Emídio Beula
Autor: Emídio Beula
Equipa Técnica: Emídio Beula, Ilídio Nhantumbo, Isabel Macamo, Julião Matsinhe, Janato Jr. e Ligia Nkavando.
Layout: CDD

Contacto:
 Rua Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
 Telefone: +258 21 085 797

CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: http://www.cddmoz.org

PARCEIRO PROGRAMÁTICO



PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

